



UEPB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS-INGLÊS

JOCELY MATIAS LAURENTINO

IDENTIDADE DIASPÓRICA: UMA LEITURA CRÍTICA DO CONTO *UMA VEZ NA VIDA*, DE JHUMPA LAHIRI

GUARABIRA
2024

JOCELY MATIAS LAURENTINO

IDENTIDADE DIASPÓRICA: UMA LEITURA CRÍTICA DO CONTO *UMA VEZ NA VIDA*, DE JHUMPA LAHIRI

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Letras Inglês da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de Licenciatura em Letras Inglês.

Área de concentração: Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Willian Sampaio Lima de Sousa.

**GUARABIRA
2024**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L383i Laurentino, Jocely Matias.
Identidade diaspórica [manuscrito] : uma leitura crítica do conto "Uma vez na vida", de Jhumpa Lahiri / Jocely Matias Laurentino. - 2024.
16 f.

Digitado.
Artigo Científico (Graduação em Letras inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2024.
"Orientação : Prof. Dr. Willian Sampaio Lima de Sousa, Departamento de Letras - CH".
1. Identidade diaspórica. 2. Choque cultural. 3. Kaushik. 4. Hema. I. Título

21. ed. CDD 820

JOCELY MATIAS LAURENTINO

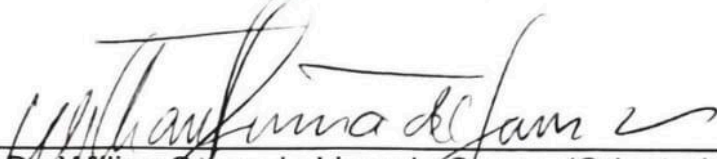
IDENTIDADE DIASPÓRICA: UMA LEITURA CRÍTICA DO CONTO *UMA VEZ NA VIDA*, DE JHUMPA LAHIRI

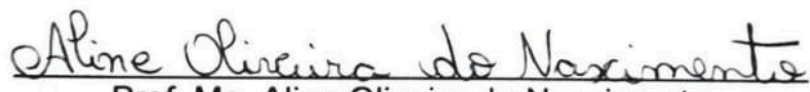
Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Letras Inglês da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de Licenciatura em Letras Inglês.

Área de concentração: Literatura.

Aprovada em: 22/11/2024

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Willian Sampaio Lima de Sousa. (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Me. Aline Oliveira do Nascimento
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Me. Thais de Matos Barbosa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este trabalho à minha avó, Olívia, ao meu avô, Firmino, e ao meu tio, Joseilson, que ficariam tão orgulhosos em me ver graduada, quanto ficaram ao me ver crescer.

“A natureza humana não irá vingar, não mais do que uma batata, se for plantada e replantada no mesmo solo exausto durante uma sequência demasiado longa de gerações. Meus filhos nasceram em outros lugares, e, até onde eu puder controlar seus destinos, irão fincar raízes em terra descansada” (Nathaniel Hawthorne, “The custom-House”).

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	A OBRA DE JHUMPA LAHIRI E A OBRA <i>TERRA DESCANSADA</i>	8
3	O CONCEITO DE IDENTIDADE DIASPÓRICA EM ANÁLISE	9
4	A INFLUÊNCIA SÓCIO-HISTÓRICA-CULTURAL NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE DE KAUSHIK E HEMA	11
4.1	As consequências do processo de diáspora	13
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	14
	REFERÊNCIAS	15

IDENTIDADE DIASPÓRICA: UMA LEITURA CRÍTICA DO CONTO *UMA VEZ NA VIDA DE JHUMPA LAHIRI*

DIASPORIC IDENTITY: A CRITICAL READING OF *ONCE IN A LIFETIME A JHUMPA LAHIRI'S SHORT STORY*

Jocely Matias Laurentino¹

RESUMO

O texto literário nos permite visualizar várias perspectivas do comportamento humano e algumas problemáticas referentes à cultura e à construção da identidade dos personagens em obras literárias. Mediante essa perspectiva, algumas obras têm abordado questões concernentes à temática das identidades fragmentadas, marcadas pela influência de uma cultura híbrida. Levando esse fato em consideração, este trabalho explora o conceito de identidade diaspórica, a partir da segunda geração de uma família de imigrantes, no conto *Uma Vez Na Vida*, presente na obra *Terra Descansada* (2009), de Jhumpa Lahiri. Por meio da leitura crítica da obra, visaremos compreender os contextos sócio-histórico-culturais que desencadearam os momentos de choque cultural descritos no conto. Para tanto, a metodologia se deu a partir de uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa, utilizando o método explicativo. Como base teórica, adotamos as contribuições de: Hall (2003), Carreira (2013), Carreira (2011), Rushdie, (1991) e Silva, Hall e Woodward (2014). Dessa forma, concluímos que existe uma relação direta entre o processo e o desenvolvimento do conceito de identidade diaspórica nos protagonistas do conto, assim como, os conflitos culturais descritos no tempo em que os personagens convivem juntos na narrativa.

Palavras-Chave: Identidade Diaspórica, choque cultural, Kaushik e Hema.

ABSTRACT

The literary text allows us to visualize different perspectives of human behavior and some problems related to culture and the construction of character identities in literary works. From this perspective, some works address worrying issues relating to fragmented identities, marked by the influence of a hybrid culture. Taking this fact into consideration, this work aims to explore the concept of diasporic identity, from the second generation of an immigrant family, in the short story *Uma Vez Na Vida*, present in the work *Terra Descansada* (2009), by Jhumpa Lahiri. Through a critical reading of the work, we will seek to understand the socio-historical-cultural contexts that triggered the moments of cultural shock described in the story. To this end, the methodology will be based on qualitative bibliographic research, using the explanatory method. As a theoretical basis, we adopted the contributions of Hall (2003), Carreira (2013), Carreira (2011), Rushdie, (1991) and Silva, Hall e Woodward (2014). Therefore, we conclude that there is a direct relationship between the identity

¹ Graduanda em Letras-Ingês pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), E-mail: jocely.laurentino@aluno.uepb.edu.br

process and the development of the concept of diasporic in the protagonists of the story, as well as the cultural conflicts described during the time in which the characters coexist in the narrative.

Keywords: Diasporic Identity, culture shock, Kaushik and Hema.

1 INTRODUÇÃO

A temática da imigração é um assunto significativo no âmbito da literatura, porquanto proporciona, aos leitores, o desenvolvimento ou a compreensão do conceito de identidade diaspórica. Na obra *Terra descansada* (2009), coletânea de contos de Jhumpa Lahiri, é possível observar essa perspectiva aprofundada, precisamente no conto intitulado *Uma vez na vida*. Nessa narrativa, a autora desenvolve traços identitários na segunda geração de uma família em diáspora, observa-se que esses traços unem e, ao mesmo tempo, distanciam os protagonistas do conto.

Ao adotarmos o conto em questão, nossa categoria analítica será a identidade diaspórica, um fenômeno antropológico ocasionado pelo processo de dispersão de um povo ou de uma etnia. Para uma melhor compreensão, essa espécie de nomadismo é proveniente do deslocamento de um determinado povo pelo mundo — em situação de necessidade ou não. No cerne da narrativa, observamos essa dinâmica no decorrer da infância e da adolescência de dois personagens.

Como base teórica e crítica, a presente pesquisa dialogou com os seguintes estudiosos: Silva, Hall e Woodward (2014) e as discussões sobre os conceitos de identidades plurais e de identidades contestadas; Hall (2003) e o entendimento desse autor sobre a temática da identidade na pós-modernidade; Carreira (2013), que, em *Literatura e voz subalterna* (2013), apresenta uma discussão sobre a “representação da identidade diaspórica na ficção de Jhumpa Lahiri”. Adotaremos, também, o estudo de Carreira (2011), pois a pesquisadora elabora um estudo crítico sobre a configuração da identidade no livro *Terra descansada* (2009). Por meio desse amparo teórico-crítico, vislumbramos o entendimento da problemática observada em nosso *corpus*.

Terra descansada (2009), de Jhumpa Lahiri, é uma coletânea composta por oito contos que narram a representação identitária dos imigrantes indianos nos Estados Unidos, por meio da perspectiva de diferentes personagens. Nos últimos três contos — *Uma vez na Vida*, *Fim de Ano* e *Em Terra* — a autora desenvolve a questão da “identidade” na segunda geração de imigrantes indianos, representados nos contos por dois personagens principais: Kaushik e Hema. O primeiro conto, objeto de estudo desse trabalho, é focado na infância e na adolescência dos protagonistas, e os contos enfocam a vida adulta de cada um deles. Como foi mencionado anteriormente, os protagonistas (Kaushik e Hema) vivenciam na trama a complexidade do processo de imigração, considerando que os pais deles se deslocaram de seu país de origem, no caso a Índia, em busca de melhores condições de vida, nos Estados Unidos. Um fator preponderante em nossa escolha pelo conto “Uma vez na Vida” concerne ao quesito etariedade, ou seja, os personagens têm a mesma idade, mesma forma de criação. Logo, temos uma propensão em direcionarmos o nosso olhar analítico para eles.

O interesse por analisar a identidade diaspórica, a partir desses dois personagens da Jhumpa Lahiri, surgiu com o desenvolvimento de um projeto de PIBIC². Nesse projeto, analisavam-se as relações de pertencimento nos três contos de Lahiri, nos quais os personagens em análise aparecem. Isso levou à percepção dos aspectos da identidade de ambos os personagens e de como, explicitamente, cada uma das condições a que eles foram expostos durante esse período de absorção cultural — tanto nos Estados Unidos quanto na Índia — interferiu diretamente na personalidade de Kaushik e Hema. Além disso, também acarretou um olhar sobre a forma que eles reagiram a essas condições durante a infância e a adolescência, bem como a maneira que eles se relacionam um com o outro.

Essa é uma pesquisa de cunho bibliográfico, qualitativo e explicativo, pois um estudo dessa natureza “preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais” (Gerhardt, Silveira, 2009, p. 32). Desse modo, visamos entender um fenômeno social por meio do texto literário e, para tanto, recorreremos às fontes bibliográficas que analisaram o nosso *corpus*. A presente pesquisa também se encaixa no rol de um exame explicativo, visto que há uma “preocupação central em identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos” (Gil, 2008, p. 28).

No âmbito dos procedimentos metodológicos, realizamos a leitura do livro de Lahiri e selecionamos o conto que se relaciona com a nossa categoria analítica. Após esse momento, buscamos compreender e filtrar as linhas de força sobre o conceito de identidade diaspórica. Por fim, analisamos o nosso objeto de pesquisa e elaboramos o presente artigo.

Sobre a estrutura do artigo, ele está dividido em três segmentos: introdução à biografia da autora Jhumpa Lahiri e aos oito contos que compõem a obra *Terra Descansada*, pois o nosso objetivo era compreender melhor a temática de Lahiri e como ela explana as identidades de modo geral e mais especificamente no conto “Uma Vez na Vida”. Em seguida, será abordado o conceito de identidade diaspórica e como ele é desenvolvido na infância e na adolescência dos protagonistas do conto. E, para finalizar, apresentamos nossa análise do conto selecionado, como se apresenta o conceito de identidade diaspórica em Kaushik e Hema, bem como as consequências dessa construção identitária nesses personagens.

2 A OBRA DE JHUMPA LAHIRI E A OBRA *TERRA DESCANSADA*

Nilanjana Sudheshna Lahiri, nascida em 11 de julho de 1967, em Londres, é mais conhecida como Jhumpa Lahiri. Filha de Tapati e Amar Lahiri, um casal bengali que imigrou de Calcutá, Índia, para o Reino Unido. Ela recebeu o apelido “Jhumpa” de sua família, o qual, posteriormente, foi adotado por seus colegas e por seus professores. Sua carreira como autora começou em 1999, com a publicação de *Intérprete de Males*, obra vencedora do Prêmio Pulitzer. Logo em seguida, em 2003, ela publicou o romance *O xará* e, depois, retornou aos contos com o livro *Terra Descansada* (2009).

A obra *Terra Descansada* (2009), de Lahiri, é composta por oito contos. A primeira metade desses contos são intitulados de *Terra descansada*, *Inferno-Céu*, *Opções de Acomodações*, *Só Bondade* e *Dá conta de Ninguém*. Eles contam a história de pessoas naturalmente indianas que imigraram para os Estados Unidos e como esse processo impactou as segundas e as terceiras gerações dessas famílias.

² Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC).

A segunda metade dessa obra, por sua vez, contém os últimos três contos, os quais contam a história dos personagens que estão sob análise, Kaushik e Hema, conforme mencionado anteriormente. No primeiro conto, *Uma Vez na Vida*, a personagem Hema conta sobre a dualidade cultural em que ela vive diariamente, isto é, o choque entre a cultura indiana e a cultura estadunidense. Após o encontro com Kaushik, Hema terá uma nova visão sobre o processo de construção identitária, porquanto seu amigo teve uma criação parecida com a dela, mas tem a liberdade de não se prender a um modelo cultural. Os últimos dois contos, *Fim de Ano* e *Em Terra*, abordam as histórias dos dois durante o período universitário e, também, na vida adulta.

Em *Uma vez na Vida*, temos a Hema como a narradora do conto, ela conta a história a partir de sua perspectiva para Kaushik, tecendo um relato sobre sua vivência e sobre as dificuldades enfrentadas por ser filha de imigrantes indianos que foram para os Estados Unidos em busca de uma melhor condição de vida. Contudo, apesar de estar em um país estrangeiro, eles prezam pela cultura e pelas tradições de seus ancestrais. Isso posto, Hema apresenta diversas situações de choque cultural, pois permanece comungando das tradições indianas, ao passo que dialoga e consome o padrão cultural americano. Sendo assim, a escola se torna o local onde a personagem observa as maiores diferenças culturais entre ela e as crianças americanas.

No decorrer da narrativa, a família de Hema hospeda Kaushik e seus pais, uma família de indianos que partilhava a mesma história de vida dos pais de Hema (exceto pelo fato de que eles conseguiram retornar para Bengali, na Índia). Todavia, é durante essa visita que observamos os choques culturais e a construção da identidade diaspórica no conto em análise.

3 O CONCEITO DE IDENTIDADE DIASPÓRICA EM ANÁLISE

Inicialmente, é necessário fazer uma introdução à teoria pós-colonial no âmbito da literatura, visto que esse é o ramo da literatura responsável por dar lugar e voz aos povos, aos grupos e às minorias secundarizados historicamente. Segundo Bonnici (1998), o pós-colonialismo surgiu no período pré-independência, para consagrar o período após a emancipação política. Vejamos:

Definindo pós-colonialismo, usam o termo “colonial” para descrever o período pré-independência e os termos “moderno” ou “recente” para assinalar o período após a emancipação política {...} o usam para descrever a cultura influenciada pelo processo imperial desde os primórdios da colonização até os dias de hoje. (Bonnici, 1998, p. 09).

Dando prosseguimento à discussão, o termo pós-colonialismo é usado para se referir ao período desde o início da colonização até a contemporaneidade. De acordo com Bonnici (1998), a partir desse conceito, é possível compreender um segundo conceito: literatura pós-colonial. Esse conceito faz referência aos textos literários produzidos e pertencentes aos povos colonizados pelas forças europeias. A autora tece um comentário mais aprofundado alusiva à temática em questão, a saber:

Outro conceito a ser considerado é o de literatura pós-colonial, que pode ser entendida como toda a produção literária dos povos colonizados pelas potências europeias entre o século XV e XX. Portanto, as literaturas em língua espanhola nos países latino-americanos e caribenhos; em português

no Brasil, Angola, Cabo Verde e Moçambique; em inglês na Austrália, Nova Zelândia, Canadá, Índia, Malta, Gibraltar, ilhas do Pacífico e do Caribe, Nigéria, Quênia, África do Sul; em francês na Argélia, Tunísia e vários países da África, são literaturas pós-coloniais (Bonnici, 1998, p. 09).

Consoante as considerações de Bonnici (1998), podemos afirmar que o conto sob análise pertence à área das literaturas pós-coloniais, considerando que conta a história de duas famílias de origem indiana que vivem em outro país, em um período de pós-independência.

Stuart Hall (2003) descreve algumas características do pós-colonialismo ao expor que, do período pós-colonial até a contemporaneidade, devido aos grandes impactos do processo de globalização, surgiram novas configurações de identidade para os povos que haviam passado pela colonização. Hall (2003) ainda afirma que as transformações causadas pelo período da modernidade libertaram o indivíduo de seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas sociais “fixas”, ou seja, novos traços culturais foram criados pelo desprendimento da cultura ancestral e pela influência mútua que os indivíduos sofrem, dependendo do contexto cultural ao qual estão inseridos. Ademais, Hall (2003) afirma:

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas do final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnias, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais (Hall, 2003, p. 09).

Hall (2003) aponta que essas mudanças que aconteceram na sociedade mudaram o indivíduo para além da localização geográfica, elas provocaram uma transformação nos parâmetros identitários que configuram a sociedade moderna e, na obra de Lahiri, analisamos como essa fragmentação cultural é descrita na construção dos protagonistas do conto. Lembremos que esses protagonistas são imigrantes.

A perspectiva do imigrante na literatura é de extrema importância para o desenvolvimento da compreensão do conceito de identidade diaspórica. Em sua obra *Terra descansada* (2009), Jhumpa Lahiri aborda essa temática em uma coletânea de contos. Na segunda metade dessa obra, a autora desenvolve traços identitários na segunda geração de uma família em diáspora, que une e, ao mesmo tempo, distanciam os protagonistas do conto.

Sobre o processo de migração, podemos observar uma série de especificidades, tais quais: grupos que se isolam no país de chegada; pequenos grupos que se unem devido às semelhanças culturais; e grupos que se agregam devido à meta que os levaram a outro país.

De acordo com Silva, Hall e Woodward (2014), o principal motivo para o processo de migração está relacionado à procura por sociedades pós-industriais, países em franco desenvolvimento tecnológico e eldorados econômicos. Destacamos que o fator econômico é motivo primário para as famílias de Kaushik e de Hema se mudarem para os Estados Unidos, que vão em busca de uma nova terra que ofereça oportunidades para se desenvolver economicamente. Entretanto, essa diáspora econômica trará consigo implicações identitárias. Vejam a explanação de Silva, Hall e Woodward (2014):

A migração produz identidades plurais, mas também identidades contestadas, em um processo que é caracterizado por grandes

desigualdades.[...] Nesse processo, o fator de "expulsão" dos países pobres é mais forte do que o fator de "atração" das sociedades pós-industriais e tecnologicamente avançadas. O movimento global do capital é geralmente muito mais livre que a mobilidade do trabalho (p. 22).

Ao buscar um futuro melhor para a próxima geração e garantir que eles tenham oportunidades para o crescimento individual, também é um motivo que enseja o processo diaspórico. Silva, Hall e Woodward (2014) explica essa problemática, pois, ao adentrar uma nova cultura, o sujeito começa a dialogar com esses novos traços culturais e, uma vez em diálogo com uma nova estrutura cultural, os sujeitos irão construir identidades plurais — ou contestar aspectos de sua “primeira” construção identitária. Esses dois fatores são observados e desenvolvidos no conto em análise.

Silva, Hall e Woodward (2014) ainda aponta a complexidade que famílias em situação diaspórica encontram ao chegar em outro país, isto é, o enfrentamento referente ao seguinte dilema: ater-se às tradições originais ou aprender as novas do país para o qual migraram. Essa é a questão que determinou a identidade da segunda geração das duas famílias descritas no conto *Uma Vez na Vida*.

Carreira (2011) realizou um estudo sobre a construção das identidades em *Terra Descansada* (2009), de Lahiri. A autora observou as características do processo de identidade diaspórica que se aplica ao conto *Uma Vez na Vida*, com base nos seguintes personagens: Kaushik e Hema. Entretanto, eles têm particularidades que os diferenciam, tanto no processo diaspórico quanto em suas características identitárias. De acordo com Carreira (2011), os processos de configuração de identidades diaspóricas não são uniformes, logo, é possível observar duas tendências nas identidades de Kaushik e Hema. Além disso, Carreira (2011) discorre sobre os processos denominados de homogeneidade e heterogeneidade e suas especificidades no processo de identidades diaspóricas. Sob essa ótica,

Considerando que os processos de configuração de identidades nas diásporas contemporâneas não são uniformes, é possível identificar duas tendências distintas no que diz respeito às identidades culturais: a homogeneidade e a heterogeneidade, atentando-se para o fato de que na primeira ocorre o predomínio de uma cultura sobre as demais, enquanto que na segunda há a disseminação da diferença cultural, que pode assumir um caráter positivo ou negativo. O caráter positivo aponta para o hibridismo cultural, a crioulização, o sincretismo cultural. O negativo relaciona-se ao reforço de identidades locais, gerando manifestações identitárias exacerbadas; caso do fundamentalismo religioso e do racismo (Carreira, 2011, p. 94).

Consoante o entendimento de Carreira (2011), podemos analisar que os protagonistas do conto se relacionam por meio de alguns traços, a saber: origens e infância. No entanto, a identidade diaspórica será construída entre a infância e a adolescência dos personagens, e o choque identitário ocorrerá no momento de reencontro entre as famílias. A partir do encontro familiar, as tendências identitárias — homogenia e heterogenia — emergiram e ocasionaram o conflito cultural descrito no conto.

4 A INFLUÊNCIA SÓCIO-HISTÓRICA-CULTURAL NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE DE KAUSHIK E HEMA

Ao lermos o conto *Uma vez na vida*, podemos observar que, em vários trechos da narrativa, os contextos sócio-histórico-culturais influenciam nos aspectos da identidade de Kaushik e de Hema. No caso da Hema, ela vivia constantemente exposta a ambas culturas e teve de aprender a equilibrar os dois lados. Vejamos um trecho da narrativa:

Minha mãe considerava a ideia de uma criança dormir sozinha um hábito norte-americano cruel e portanto não o incentivava [...] Mas eu sabia que não era normal, que não era o que meus amigos da escola faziam [...] (Lahiri, 2009, p. 262).

Ao conjecturar que as crianças norte-americanas têm e dormem em suas próprias camas desde a infância, na óptica mãe da Hema, esse traço cultural é um absurdo, a ponto de ela acreditar que isso é um costume cruel. Nesse sentido, esse fato isolado prova que a Hema teve de aprender a lidar com o extremo das duas culturas diariamente. Em casa, todas as noites, até os doze anos, a protagonista dormia no quarto dos pais, mas, na escola, ela jamais contaria esse fato para os colegas. Ela sabia que esse fator causaria um choque cultural para eles, e que, provavelmente, eles não entenderiam. Em vista disso, temos aqui um processo de contestação, como propõem Silva, Hall e Woodward (2014), pois, mesmo respeitando a cultura Bengali, a personagem em questão está em meio a um embate interno entre duas perspectivas culturais. Vale ressaltar que não há certo ou errado, mas, a partir desse embate, uma nova identidade está nascendo.

O processo de construção identitária de Kaushik ocorre de modo diferente em relação à Hema. Observamos que, diferentemente da Hema, que só questiona o choque de viver com as duas culturas, Kaushik apresenta uma forte resistência à cultura indiana e anuncia essa resistência quando ele escolhe falar em inglês, mesmo quando a conversa é em bengali. O trecho a seguir converge para o nosso entendimento: “Você vai adoecer, Kaushik, sempre andando na rua desse jeito. Disse minha mãe. Ela sempre falava com você³ em bengali, apesar de suas respostas serem sempre em inglês” (Lahiri, 2009, p. 272).

Observamos, nessa ação, uma dualidade que foi estabelecida: pais indianos *versus* filhos criados na América. Isso posto, podemos destacar que os filhos respeitam a identidade cultural dos pais, mas buscam “impor” o seu viés identitário. Como descreve Carreira (2011), os pais buscam homogeneizar os atributos culturais dos filhos, entretanto, o local da cultura interfere na homogeneização, já que os filhos estão no “entre-lugar”, ou em uma disputa cultural entre a formação familiar (Bengali) e o espaço de vivência (inglês). Por conseguinte, observamos o processo de heterogenia cultural, ou seja, a construção de uma identidade diaspórica.

Outro trecho que merece uma ponderação crítica é a explanação dos pais de Kaushik sobre a ida e volta à América. Vejamos o trecho seguinte: “Ele ficou furioso quando fomos embora, e agora está furioso por termos voltado aqui de novo. Disse seu pai. Até em Bombaim nós demos um jeito de criar um típico adolescente americano” (Lahiri, 2009, p. 272). Nessa menção, inferimos algo destacável na criação de Kaushik, porquanto, segundo os pais, ele foi criado imerso da cultura norte-americana (mesmo estando na Índia), isso o fez perder a ligação com a cultura ancestral, com a qual a Hema teve de lidar a vida inteira.

Nesse cenário, a perda da ligação de Kaushik com a cultura ancestral sinaliza para aquilo que Rushdie (1991) descreve como uma tripla ruptura. Se observarmos a construção do personagem, ele perde a ligação com a língua (bengali), visto

³ Nessa fala o pronome “Você” se refere ao Kaushik, pois no primeiro conto a Hema narra a história para o Kaushik.

costumar falar em inglês, ao ser obrigado a sair da Índia e ao ser criado como um norte-americano. Diante disso, a dualidade na criação de Hema — criação indiana e imersão na cultura americana — fez com que ela absorvesse a língua e a cultura de ambos os países. Entretanto, diferentemente de Kaushik, durante todo esse processo de desenvolvimento da identidade, ela sempre esteve nos Estados Unidos. Vejamos a definição de tripla ruptura e a aplicação ao personagem em análise:

Um imigrante sofre, tradicionalmente, uma tripla ruptura: ele perde seu lugar antropológico, adota um idioma diferente e encontra-se em um meio ambiente em que os códigos sociais não só divergem dos seus, mas podem, às vezes, ser desagradáveis ou mesmo ofensivos. As raízes, o idioma e as normas sociais são, assim, três importantes elementos constituintes da identidade cultural. Ao negá-los, o imigrante é compelido a encontrar novos meios de descrever-se e definir-se como indivíduo (Rushdie, 1991, p. 277-278).

Essa tripla ruptura é observada mais nitidamente em Kaushik. Ele, nascido na Índia, recusa-se a falar em bengali, pois se identifica com a cultura norte-americana, diferentemente de Hema, a qual nasceu nos Estados Unidos, porém foi criada com ambas as culturas, simultaneamente, e aprendeu a lidar com essa dualidade identitária. Essas diferenças no processo de identidade diaspórica dos personagens esclarece o choque cultural que eles sofrem durante o conto. Para um melhor esclarecimento, vejamos o subtópico a seguir.

4.1 As consequências do processo de diáspora

Durante todo período de convívio de Kaushik e de Hema, observamos vários momentos em que podemos notar as diferenças comportamentais dos protagonistas, bem como a preocupação dos pais referente às respectivas ações desses personagens na trama. Como em um trecho do conto Kaushik ignora o alerta de Hema sobre uma situação que poderia oferecer perigo, a mãe de Hema fica nervosa por ele se colocar em risco, mas os pais de Kaushik agem como se não fosse motivo para se preocupar. Vejamos um trecho da narrativa que elucida nosso comentário.

"Você havia saído só de suéter, com a câmera fotográfica [...]"
 "Tem um riacho lá atrás", disse você.
 "Naquela mata".
 "Minha mãe então ficou nervosa, alertando você para não ir lá como tantas vezes havia alertado a mim, como eu havia alertado você na noite da sua chegada, mas os pais não compartilharam a preocupação dela. Em vez disso, perguntaram o quê você havia fotografado" (Lahiri, 2009, p. 271-272).

Percebemos alguns estereótipos culturais nesse trecho: de um lado, temos a mãe de Hema, caracterizada como uma mãe indiana, super-protetora e que, ao menor sinal de perigo, preocupa-se com os filhos. Por outra perspectiva, os pais de Kaushik apresentam um comportamento flexível, por valorizarem a independência e a adaptação do filho em um novo ambiente. É válido destacar que, na cena anterior, o leitor observa um momento de transgressão de Kaushik, mas, em vários momentos, o personagem é descrito com traços de rebeldia e de desobediência. Toda essa configuração comportamental de Kaushik nos chega por meio da voz de Hema. Nesse cenário, destacamos um momento em que Hema evidencia sua obediência ao pai referente à proibição de não tocar em um objeto estimado por ele,

enquanto Kaushik simplesmente ignora esse limite e toca nos pertences do pai de Hema. Vejamos a cena:

"Os aparelhos eram uma zona proibida para mim e até mesmo para minha mãe. Aquela aparelhagem fora a única compra extravagante da vida dele. [...] "Você não pode mexer nisso" falei. Você se virou. A tampa do toca discos já estava levantada, o disco girava. Você estava segurando o braço da agulha, sustentando o peso com o dedo. "Eu sei por um disco para tocar", falou. Sem fazer mais nenhum esforço para resolver a irritação que sentia. Então deixou a agulha cair" (Lahiri, 2009, p. 276-277).

Essas características da identidade de Kaushik vão de encontro à cultura indiana, a qual valoriza a obediência aos familiares mais velhos. Hema relata que nem a mãe dela tinha permissão para tocar nos aparelhos de seu pai, mas, para Kaushik, não importava, além de não pedir permissão, ele ignorou a proibição de Hema. Em outro momento da narrativa, ela fala que o amigo que está de visita difere dos primos que ela visitou quando esteve na Índia, já que ele não tinha curiosidade nem interesse pela forma como ela vivia. A seguir, temos o ponto de vista de Hema:

"Eu não sabia como classificá-lo. Como você havia morado na Índia, associava-o mais aos meus pais do que a mim. No entanto, você não parecia com os meus primos de Calcutá, com aquele ar tão inocente e obediente que tinham quando eu os visitava, que faziam perguntas sobre cada detalhe da minha vida, espantados, como se os Estados Unidos fossem a Lua. Você não demonstrava a menor curiosidade ao meu respeito" (Lahiri, 2009, p. 275).

Ao comparar Kaushik com a referência de adolescentes que moram na Índia, mais especificamente seus primos, Hema não reconhece as características identitárias que, para ela, são comuns, pois Kaushik não tem nenhuma curiosidade sobre o comportamento de Hema e tampouco sobre como ela vive nos Estados Unidos. Outro ponto a ser destacado concerne à tentativa de Hema em conectar Kaushik à cultura indiana, ela o associa a seus pais, demonstrando que ela não se identifica totalmente com o seu país ancestral, por diferir, drasticamente, do paradigma comportamental dos jovens indianos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando os aspectos da identidade diaspórica de Hema e de Kaushik, bem como comparando as semelhanças e diferenças entre eles, foi possível perceber que, apesar do fato de eles serem do mesmo país, terem se mudado para os Estados Unidos sob as mesmas motivações e da proximidade de suas famílias, Kaushik e Hema têm várias particularidades no que diz respeito ao processo de identidade diaspórica.

Ao se relacionarem, observamos alguns conflitos culturais evidenciados na leitura do conto. Esses conflitos podem ser explicados, se considerarmos que Kaushik, apesar de ter nascido em Bengala, na Índia, cresceu nos Estados Unidos e, mesmo na adolescência, quando voltou para seu país de origem, continuou a ser criado como um "típico garoto americano". Ao contrário de Hema, a qual nasceu e cresceu nos Estados Unidos, mas foi ensinada sobre todas as particularidades de seu país ancestral, e, por esse motivo, esteve constantemente exposta a ambas culturas. Nesse contexto, ela aprendeu a lidar com a dualidade da própria

identidade, desenvolvendo uma característica mais heterogênea na construção de sua identidade, tendo foco tanto no lado indiano quanto no norte-americano.

Desse modo, constatamos que as condições a que ambos os personagens foram expostos durante o processo de formação da identidade diaspórica influenciaram diretamente como eles reagem ao contexto ao qual estavam inseridos e na forma como eles se relacionam um com o outro.

REFERÊNCIAS

BONNICI, T. Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais. **Mimesis**, Bauru, v. 19, n. 1, p. 07-23, 1998.

CARREIRA, Shirley de Souza Gomes. A representação da Identidade Diaspórica na ficção de Jhumpa Lahiri. *In*: ALMEIDA, Júlia. SIEGA, Paula. **Literatura e Voz Subalterna: anais**. Vitória: GM, 2013. p. 91-100.

CARREIRA, Shirley de Souza. Memória e esquecimento: a configuração da identidade em *Unaccustomed Earth*, de Jhumpa Lahiri. **Revista da ANPOLL (On-line)**, v. 30, p. 247-259, 2011.

GERHARDT, Tatiana Angel. SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. 1ª ed. Rio Grande do Sul: Editora UFRGS, 2009.

GIL, Carlos Antônio. **Métodos e técnicas de Pesquisa Social**. 6ª edição. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2003.

LAHIRI, Jhumpa. **Terra Descansada: contos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

RUSHDIE, Salman. **Imaginary homelands**. Essays and Criticism 1981-1991. Londres: Granta/Penguin, 1991.

SILVA, Tomaz Tadeu da. HALL, Stuart. WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença: A perspectiva dos estudos Culturais**. 15.ed.- Petrópolis: Vozes, 2014.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus e à Virgem Maria, por me guiarem em segurança durante toda minha graduação.

Agradeço à minha amada mãe, meu exemplo de vida, por toda compreensão e por todo incentivo em cada uma das minhas realizações; e ao meu querido pai, por, durante toda a minha vida, ter me ensinado que o conhecimento é um poder que ninguém pode tirar de mim. Obrigada por me criarem e por serem minha maior rede de apoio. O maior objetivo da minha vida é deixar vocês orgulhosos. Eu amo vocês!

Agradeço aos meus queridos avós —Tereza e Francisco Augusto. Quando criança, eu sempre admirei o romance nos livros e nos contos de fadas... Hoje eu percebo, que o amor mais lindo que conheci na vida, foi o que vocês tinham um pelo outro e pela nossa família. Esse trabalho é um dos frutos que nossa família está colhendo, graças a “Terra Descansada” que vocês prepararam para nós... Obrigada!

Agradeço às minhas queridas irmãs; à Amanda, por sempre se preocupar comigo e por estar presente em todos os momentos, à Mariny, por me fazer rir até nos meus dias mais tristes e por me conduzir em segurança até o ponto de ônibus mais vezes do que posso contar. E à Mariany, por sempre ouvir os meus desabaços acadêmicos, por me apoiar em todos os sentidos, e por não ter medo de me dizer quando estou errada. Vocês são minhas melhores amigas, e eu amo vocês.

Agradeço às minhas irmãs de coração; à Jamilly por ser a minha melhor parceira — na escola e na vida. À Débora, por sempre tentar me proteger do mundo. À Emanuelle, por estar sempre disposta a me ouvir e a me confortar independentemente da situação. À Jennifer, por sempre me encorajar a fazer o meu melhor, e à Dayane, por ser um exemplo de determinação e de força. Minha vida seria infinitamente mais triste sem vocês.

Agradeço especialmente à minha querida veterana, na Universidade e na vida, Joscielen. Que me conduziu e me acalmou no primeiro dia de aula e durante todo o período de graduação, da mesma forma que faz em nosso dia a dia. Obrigada por me compreender melhor do que todos e por ser calma em meus dias mais confusos.

Agradeço ao meu amigo, André, por ser o meu maior confidente acadêmico desde o terceiro ano do Ensino Médio até o último período do curso. Amigo, espero que você saiba o quanto você é importante para mim. Até os dias mais tristes da minha graduação se tornaram melhores, pois eu podia contar para você.

Agradeço à minha querida família — avós, tios, primos e Madrinhas— por todo amor e apoio. Em especial à Joseilma, por ser uma grande tia, irmã, comadre, amiga e um exemplo de profissional; obrigada por todas as risadas e por sempre me consolar e me incentivar, nos estudos e na vida.

Agradeço aos meus queridos afilhados, Victor Hugo e Otaviano, por serem dois dos grandes amores da minha vida, à Victor por desde que aprendeu a falar sempre tentar me ensinar as coisas que você aprende — apesar de eu ser a professora — e por sempre me encher de orgulho. E à Otaviano, por me permitir a ter a honra de acompanhar o seu crescimento. “Dinda” ama vocês.

Agradeço à minha sobrinha, Aylla Maria. Tenho o mesmo sentimento por você desde o momento em que a peguei nos braços pela primeira vez. É um misto de alegria e de medo que me faz querer te exibir para o mundo inteiro como se fosse a coisa mais preciosa da minha vida e que também me faz querer te guardar num potinho e te proteger de tudo. Obrigada por ser luz em nossas vidas. Eu amo você.

Agradeço aos amigos que a Universidade me deu — Joice, Arianny, Lethicia e Guilherme. Meu coração aperta só de estar escrevendo essa mensagem, vocês são os maiores presentes que ganhei nesses últimos quatro anos. Todos os sorrisos e todas as lágrimas que compartilhamos me fizeram amadurecer tanto que me dói pensar em não ver vocês com a mesma frequência. Cresci e aprendi demais durante esse período, graças a cada um dos momentos que vivemos. Saibam que tenho muito orgulho de vocês. Vou sempre estar na fila da frente, pronta para aplaudir o sucesso de cada um de vocês. Love you, guys!

Agradeço a Jacelino, meu querido amigo, por estar sempre pronto para me acalmar e me aconselhar, independentemente da situação. Por todas as

experiências que compartilhamos e por, desde sempre, ser um grande torcedor pelo meu sucesso. Espero que você saiba que é recíproco.

Agradeço ao meu orientador do TCC I, Vilian Manguiera, o qual, durante esse período de graduação, mudou a maneira de como eu entendia a literatura, e também por ser o responsável por me dar a inspiração para esse trabalho. É sempre uma honra estar em sua sala de aula, espero ter mais oportunidades como essa no futuro.

Agradeço ao meu orientador do TCC II, Willian Sampaio, o senhor foi o meu primeiro e último professor na universidade. Saiba que, para mim, o senhor é uma referência de docente. Assistir às suas aulas é mais do que aprender inglês ou literatura, é aprender a ver a vida com outra perspectiva. Obrigada, também, por me guiar e me apoiar no desenvolvimento dessa pesquisa, foi uma honra ser sua aluna e sua orientanda. Sou imensamente grata por cada uma das lições.

Agradeço às professoras da banca avaliadora, professora Aline Nascimento e professora Thais Barbosa, por aceitarem o convite de ajudar nesse trabalho por meio de suas considerações e de suas sugestões.

Agradeço à Universidade Estadual da Paraíba, pela oportunidade de vivenciar anos incríveis na minha vida acadêmica. Agradeço, ainda, a todos que, direta ou indiretamente, fizeram parte dessa jornada. Muito obrigada!